ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO PIBID/UEPB: DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA JUNTO A CRIANÇAS COM AUTISMO(S)

Ana Mércia Soares Benjamim [1]
Yasmym Kettly de Araujo Vilela Pereira [2]
Iviana Gonçalves de Lima [3]
Tatiana Cristina Vasconcelos [4]

INTRODUÇÃO

O presente estudo aponta discussões pertinentes sobre abordagem da Educação inclusiva no contexto escolar, sobretudo, no desenvolvimento da Consciência fonológica, especialmente com crianças neurodivergentes em sala de aula. É importante salientar que a prática da intervenção pedagógica foi realizada em uma escola municipal da rede pública na cidade de Campina Grande-PB, na fase inicial de alfabetização, no primeiro ano, dos anos iniciais.

Em suma, a contextualização da realidade do espaço educacional descrito neste texto, havia crianças com autismo, um especificamente com nível de suporte três, não oralizado e com dificuldade de coordenação motora, neste caso, precisava de um olhar atento e humanizado, uma postura docente acolhedora, uma escuta pedagógica sensível.

Ressaltamos, que o estudo tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado a CAPES e o CNPq ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), voltada ao desenvolvimento da consciência fonológica por meio de estratégias pedagógicas de caráter lúdico.

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ana.benjamim@aluno.uepb.edu.br ;
[2]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, yasmym.vilela@aluno.uepb.edu.br;
[3] Mestranda supervisora do Pibid do Curso de Pedagogia no PPGFP da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ivianaglima@gmail.com;
[4] Professora orientadora: Doutora em Educação (ProPEd/UERJ). Professora asssociada (DE/CEDUC/ UEPB). Docente do Mestrado em Educação Inclusiva (PROFEI). Coordenadora Pibid - Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

É importante que o docente alfabetizador conheça a fase do nível de aprendizagem em que estão as crianças, com a finalidade de trabalhar o processo da consciência fonológica, de modo que todos avancem, é necessário definir atividades que podem ser realizadas por toda turma, considerar as dificuldades de cada criança, trabalhar individualmente com cada aluno.

No processo de ensino e aprendizagem na alfabetização, percebe que há crianças que avançam mais rapidamente do que as outras, há crianças que eventualmente regridem, em um determinado momento estão em uma fase avançada, e em outro momento se encontra na fase inicial, há crianças que permanecem em duas fases simultaneamente, identifica ou escreve palavras com valor sonoro silábico, e outras sem o valor sonoro, e em outros momentos podem se encontrar na fase silábico-alfabéticas.

Levando em consideração os resultados da discussão independente da dificuldade de aprendizagem da criança ser neurodivergente, é essencial trabalhar em sala de aula, todos os tipos de gênero textual com rimas, além de jogos, atividades que envolve musicalização, brincadeiras populares, cantigas de roda, receita, convite, bilhete, carta, tirinhas e histórias em quadrinho- HQs.

Tudo que engloba a perspectiva de trabalhar os diferentes tipos de gênero textual, dá ênfase o texto como o centro, amplia a expectativa de horizonte da criança, essas estratégias de ensino permitem desenvolver a consciência fonológica, por meio de rimas, recursos, atividades adaptadas, porém com o mesmo conceito de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, pensando nesse aspecto, diferencia a qualidade de ensino, e a compreensão da escrita e a linguagem oral, no desenvolvimento linguístico, na consciência fonética, silábica, até chegar a fase da leitura de frase e texto fluente.

Os referenciais teóricos bem como Soares (2023), Vygotsky (1984) e Freire (2023), em conjunto enfatiza que o processo de alfabetização é construtivo, conforme a mediação da transmissão do conhecimento, o desenvolvimento avaliativo é contínuo, vale destacar que a linguagem é um meio social que está inserida na sociedade e na cultura e se transforma constantemente. Pontua que a linguagem funciona como uma ponte de mediação interacionista entre a criança e o mundo externo, pois é através do ensino da linguagem que o docente experiente ajuda por meio da mediação, o aluno realizar a atividade que ainda não consegue executar sozinho.

Por fim, consideramos que o brincar dos sons das letras e das palavras, por meio de músicas, rimas e jogos educacionais e o universo lúdico, diminui as barreiras de aprendizagem na Educação especial, além de trabalhar a autonomia do aluno, o lúdico atua como um facilitador no desenvolvimento cognitivo, o interessante é que a criança deixa de ser passiva e

passa a ter facilidade de manipular a linguagem de forma ativa por meio do brincar e melhora o aspecto de convivência e interação com as demais crianças.

METODOLOGIA

A proposta buscou ampliar práticas inclusivas, diante da presença de estudantes com autismo(s) no contexto escolar, utilizando atividades adaptadas como colagem, brincadeiras populares, literatura infanto-juvenil, jogos pedagógicos e musicalização. Metodologicamente, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritiva e reflexiva, configurado como relato de experiência.

A intervenção ocorreu durante o ano letivo de 2025, em uma escola municipal de Campina Grande-PB, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental composta por crianças de aproximadamente seis anos de idade, incluindo três estudantes autistas, um deles não oralizado e com dificuldade de coordenação motora. O estudo fundamentou-se em referenciais teóricos sobre alfabetização e desenvolvimento da linguagem, com destaque para Soares (2023), Vygotsky (1984) e Freire (2023), que concebem a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo socialmente mediado.

REFERENCIAL TEÓRICO

É importante enfatizar que o processo da primeira escrita da criança, na fase inicial dos rabiscos até a construção e formação das letras, desde da Educação infantil as crianças desenham as formas das letras supondo que estão, assim, escrevendo, portanto, começam a entender que o ato de escrever é representado por meio daquilo que se fala, essa representação ortagráfica da escrita, passa a ter significados.

Vale ressaltar que a medida que a criança passa a vivenciar o uso da escrita em seu contexto, bem como: familiar, cultural e escolar, sendo assim, as crianças percebem que a escrita não é desenho, enquanto, na verdade, são traços, riscos, linhas que compõe o formato das letras, então, passam a escrever imitando as formas escritas das letras alfabeticas, essa evolução corresponde a progressiva compreensão da escrita das letras como representação dos sons da fala, o valor simbólico das representações das letras, os significantes, a passagem dessa evolução é desde a educação infantil até os anos iniciais do ensino fundamental. A compreensão desse processo é revelada por escritas espontâneas, isto é, inventadas pelas crianças na

ISSN: 2358-8829

consolidação no processo de desenvolvimento cognitivo. Logo abaixo, a citação d6escreve a escrita silábica sem valor sonoro.

> Quando a criança se torna capaz de segmentar a cadeia sonora da palavra em sílabas e, em escrita inventada, representar cada sílaba por uma letra, já revela consciência de que a palavra é constituída de segmentos sonoros representados por letras. De início, porém, escolhe qualquer letra para representar cada sílaba. Escrever silabicamente- uma letra para cada sílaba-, mas as letras que escolhe não tem relação com os sons- os fonemas- presentes na sílaba. Isto é, ainda não adquiriu a capacidade de fonetização- a capacidade de perceber, na sílaba, sons individuais (fonemas) representados pelas letras que a compõem. É uma escrita silábica sem valor sonoro. (SOARES, 2023, p. 87).

Tendo em vista, quando as crianças estão passando por esse processo do valor silábico, a identificação por meio dos sons que representa cada letra do alfabeto, para a formação completa da escrita de uma determinada palavra, na maioria das vezes, as crianças começam a escrever a representação da escrita de uma palavra por meio do valor sonoro representativo da primeira letra, a exemplo disso, é a palavra “pé”, a criança escreve somente a primeira letra “P’’, pois não consegue identificar o valor sonoro da vogal “é”, na construção da consciência sílabica na formação da escrita da palavra pé, essa fase representa a escrita silábico-alfabética.

Visto que uma outra criança com a mesma faixa étaria de idade, cujo, se encontra na mesma fase de escrita silábico-alfabética, pode escrever a palavra “pé’’, com valor silábico da palavra “pé” escrita de forma completa, mas, na mesma sala de aula, pode haver outra criança que escreve a palavra “pé’’ na fase escrita silábica com fonetização, por exemplo, a escrita da palavra “pé” somente com a representação do valor sonoro da vogal ‘’é’’.

Isso demonstra que cada criança tem o seu tempo de aprendizagem, e também sua forma de aprender, em uma mesma sala de aula, pode-se identificar diferentes peculiaridades, cada criança irá se comportar e interagir de diferentes maneiras, por isso é importante que o docente em sala de aula tenha sensibilidade de escutar as respectivas necessidades do aluno, compreender a realidade social, cultural e o histórico familiar que a criança está inserida, realizar uma avaliação diagnóstica, obter um conhecimento prévio sobre os fatores que direcionam e esclarecem as dificuldades de aprendizagem, podemos citar, os pontos que afetam o desenvolvimento cognitivo que abrange o atraso da fala, a linguagem, a ausência da escrita. Sobretudo, ao que corresponde a falta da coordenação motora, também o aspecto comportamental e afetivo.

A formação do professor é imprescidível nesse ponto, é de funadamental importância o docente que estar atuando em sala de aula, no atual contexto escolar, sobre o qual acomete um espaço educacional com crianças neurodivergentes com necessidades específicas, hoje em dia,

ISSN: 2358-8829

é importante que o profissional da educação tenha um olhar sensível para as atuais demandas no campo escolar, pensando na perspectiva do ”ensinar exige saber escutar.”

Freire (2023,p.111) evidência que “ (...) O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele’’. Pontua que o ato de escutar faz parte da formação docente, o bom professor é aquele que sabe lídar com a adversidade social, e que tem em mãos mais de um plano B para colocar em prática na sala de aula, inovar na perspectiva de estratégias nas intervenções das práticas pedagógicas, pensar na realidade do aluno, entender que cada crainça tem sua bagagem de experiência e o seu modo de aprender, e adaptar atividades escolares de acordo com nível de dificuldade de aprendizagem.

É importante mencionar o processo de formação de conceitos, para Vygotsky (1989,p. 41), “(...) Pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural’’, a linguagem humana é um sistema simbólico que faz mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, permitindo a interação e a comunicação social que está relacionado a construção do significado das palavras que desenvolve ao longo das trnsformações e interações com a cultura e a sociedade que a comunidade escolar está inserida em uma determinada época ou condição social, visto que a linguagem oral, os sons da fala, os fonemas está relacionada a interação do mundo social, já a linguagem escrita expressa por letras, símbolos, grafemas é vinculada a escolarização e a formalidade, ambas são essenciais para comunicação humana em diferentes contextos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da intervenção pedagógica evidenciaram avanços no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, especialmente dos estudantes com autismo(s), considerando suas singularidades, seus ritmos e suas diferentes formas de participação. Ao longo das atividades, observou-se uma progressiva ampliação das interações com os colegas, maior engajamento nas propostas pedagógicas e participação mais ativa nas dinâmicas da sala de aula.

As estratégias fundamentadas na ludicidade, como jogos, músicas, brincadeiras e atividades com recursos visuais e manipuláveis, favoreceram a aproximação das crianças com o universo da leitura e da escrita, tornando o processo de alfabetização mais acessível, significativo e motivador. Além disso, a diversificação das experiências de aprendizagem possibilitou diferentes formas de expressão, comunicação e construção de conhecimentos, contribuindo para a valorização das potencialidades individuais e para o fortalecimento das

relações entre as crianças. Essas observações sinalizam a relevância de práticas pedagógicas intencionalmente planejadas, que reconheçam a heterogeneidade da turma e promovam condições de participação e aprendizagem em uma perspectiva inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu refletir sobre a relevância de práticas pedagógicas inclusivas e humanizadas na etapa inicial da alfabetização, ressaltando o papel fundamental do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UEPB) na formação docente. A experiência vivenciada com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental evidenciou que a utilização de estratégias lúdicas, integrando jogos, musicalização, brincadeiras e gêneros textuais diversos, atua como um potente recurso para o desenvolvimento da consciência fonológica e da autonomia de crianças neurodivergentes, em especial aquelas com autismo.

Ao comparar os aportes teóricos de Soares, Vygotsky e Freire à prática reflexiva em sala de aula, constatou-se que respeitar o tempo, as especificidades e os diferentes níveis de aprendizagem de cada estudante é indispensável para superar barreiras no processo educacional. conclui-se que a Educação Inclusiva não se restringe apenas a presença física dos alunos na escola, mas consolida-se por meio do acesso contínuo a práticas adaptadas, equitativas e afetivas.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Autismo, Consciência fonológica.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo (1921-1997) 77ª ed. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire -77º ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2023.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever**/ Magda Soares. – 1. Ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2023.

TAILLE, Yves de La. Piaget, Vigotski, Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão** / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summus, 2019.